

# A globalização como modo de vida capitalista globalizado

Ruy Moreira\*

Por outras palavras, o capitalismo não podia impor-se definitivamente contra os modos de produção anteriores se não levasse a revolução começada na "maneira de produzir" até o modo de reprodução da vida. Dissolver o antigo modo de vida e reconstituí-lo na base das relações capitalistas, impor aquilo a que se chamará "o reino da mercadoria", tal é em definitivo a condição de alargamento a toda a sociedade das relações de produção capitalistas, a condição para um novo lançamento (provisoriamente) durável da acumulação.

André Granou  
Capitalismo e Modo de Vida

**RESUMO:** A globalização é o nome do capitalismo de nosso tempo. Qual o significado da globalização na história do capitalismo: é o pós-imperialismo ou a nova forma do imperialismo?

**Palavras-chave:** globalização, imperialismo, novas formas de espaço-tempo.

**ABSTRACT:** Globalization is capitalism nowadays. What does globalization mean in the capitalist history: a post-imperialism or a new imperialism form?

**Key words:** globalization, imperialism, new space-time forms.

A teoria da globalização tem mostrado um certo impasse quanto a sua linha de continuidade com a teorização clássica do capitalismo.

Com a globalização, parece sepultada a tese de que o imperialismo viria ser a etapa superior (e final) do capitalismo e, desse modo, a ante-sala do socialismo.

O imperialismo tem a característica da dominação mundial pelas grandes corporações empresariais alicerçada na partilha territorial dos continentes entre as grandes potências. A globalização, a dessa dominação mundial alicerçada no império da informação e do dinheiro. Poderíamos

traçar nestes termos uma comparação entre um fenómeno histórico e outro? Seria a globalização a declaração do imperialismo como um equívoco teórico? Ou o imperialismo tal como hoje existiria?

Qual, afinal, o entendimento do momento em que a humanidade encontra-se hoje. Seria a globalização um misto de um momento histórico novo e de uma grande mistificação?

Tais são indagações suscitadas pela leitura de *Por Uma Nova Globalização: do pensamento único à consciência universal*, de Milton Santos, livro instigante, motivando e inspirando a escrita deste texto.

## O imperialismo

Há um consenso da globalização como a decorrência do processo de constituição de uma sociedade fundada na economia do mercado que se inicia com os grandes eventos do Renascimento. Há dissenso quanto ao modo como este processo se deu e assim ao que é e significa a globalização.

Tomemos um fio da meada, para acompanharmos este movimento no tempo, pouco nos importando a querela do consenso.

O dado fundamental é o conjunto de transformações que acontecem ao redor do nascimento e expansão da

manufatura. Podemos localizar aí o nascimento da economia de mercado. Em particular, por força do nascimento de uma qualidade de mercadoria que só então na história aparece: a força de trabalho. Conhecemos já a teoria da acumulação primitiva do capital, da qual o aparecimento da força de trabalho como forma de mercadoria é um ponto-chave. Outro, é a acumulação da riqueza na forma da acumulação da moeda, que dá início à forma moderna do capital e da acumulação.

Talvez possamos localizar na contradição de classes que aí está nascendo o embrião do que, séculos além, constituirá o fenômeno do imperialismo. Ao redor da compra-venda dessa mercadoria conflitam duas classes sociais com distintos interesses: a classe vendedora e a classe compradora dessa mercadoria. Um conflito que determinará a contabilidade de custos e fundamentará as categorias econômicas do novel capitalismo e todo o seu movimento.

O interesse da classe trabalhadora, a classe vendedora da mercadoria força-de-trabalho, leva-a a organizar-se numa luta contínua pelas condições adequadas de vida e de sobrevivência, razão e motivo do oferecimento à venda de sua força produtiva. Uma luta centrada no nível do salário e do modo de vida que dele deriva. Daí nascem os sindicatos e mais à frente os partidos operários.

O interesse da classe empresarial, a classe compradora da mercadoria força-de-trabalho, leva-a a organizar-se numa persistência contínua de evitar, postergar ou expulsar para fora da relação capital-trabalho os efeitos sobre os custos daquelas conquistas da classe trabalhadora. E de garantir desde o plano da relação econômica a condição de sua hegemonia.

Até o século XVIII, a resposta é meramente estrutural. O despojamento da terra aos camponeses, que está na origem da formação da classe trabalhadora-vendedora de força-de-trabalho, - apelo para o conhecimento prévio da teoria da acumulação primitiva de parte do leitor -, alimenta em fluxo contínuo o que a literatura acadêmica irá designar por êxodo rural, fornecendo ao chamado mercado de mão-de-obra um volume constante de

ofertantes de venda de força-de-trabalho, de que a burguesia industrial se serve para forçar para baixo o nível dos salários e desmobilizar a classe trabalhadora em momentos conflitivos mais agudos como os de greve dos operários.

A partir da segunda metade desse século, outros meios entretanto tiveram que ser mobilizados, com o significado de uma reinvenção estrutural do capitalismo. O êxodo rural vai esgotando seu ímpeto e já não é bastante para garantir os propósitos de acumulação e hegemonia, tendo o capital que induzir a fase histórica do imperialismo, com as características já classicamente apontadas (Lênin, 1979).

O monopolismo é uma delas. A competição por vantagens no mercado como resposta à elevação dos custos provocada pela pressão operária, leva à concentração progressiva das pequenas nas grandes empresas, forçando a passagem do capitalismo concorrencial ao monopolista. A envergadura do novo perfil aproxima com o tempo monopólios industriais e monopólios bancários, na fusão que leva ao surgimento do capital financeiro.

A partilha territorial do mundo é outra. Trata-se, aqui, de reagir-se ao problema dos custos pela sua transferência do plano da relação capital-trabalho para o da relação do capital com o universo das matérias-primas, e assim, implicando o domínio das fontes destes recursos em todos os confins do mundo. É o processo de "crescer pelo consumo de periferias", analisado por Rosa Luxemburgo (1970).

Tanto a solução empresarial quanto a espacial, significam a recriação do perfil estrutural acanhado de antes, que alicerçava a acumulação e a hegemonia capitalista no plano territorial único da relação cidade-campo, situação agora insustentável com o esgotamento do ritmo e volume da expropriação e migração camponesa, reinventando essa estrutura numa escala geográfica ampliada de mundo (daí muitos a terem visto como uma espécie de relação cidade-campo reproduzida numa escala mundial ampliada).

A nova relação vai ser caracterizada pela teoria clássica como a substituição da exportação de mercadorias da fase antecedente pela da exportação de

capitais, que abre uma nova fase, tal o volume de empréstimos e investimentos que irá ter lugar e a extensão dos confins até onde o braço do capital irá chegar na sua política de responder com a partilha imperial do mundo aos problemas produtivos em agravo na circunscrição das metrópoles, onde o capital vê-se às voltas com uma militância operária seguidamente mais forte, conquistadora e organizada.

Chega-se à fase do chamado capitalismo tardio (capitalismo avançado), analisado por Mandel (1982), marcado, a nosso ver, pela troca progressiva da disputa exacerbada de domínios imperiais pela forma atenuada de entrecruzamento patrimonial entre as corporações imperialistas, num processo que levará a grande empresa a transmutar-se de empresa nacional, em multinacional e por fim em transnacional, esta última já da globalização.

Nessa fase, tem lugar nos países antes coloniais e semi-coloniais, mudando-os internamente, um processo equivalente ao da acumulação primitiva ocorrido quando da constituição do capitalismo plenamente desenvolvido nos países industrializados, que os levará a uma industrialização acelerada, e, na prática, a eliminar-se a necessidade da partilha física dos territórios como pré-condição da dominação imperialista. Simplifica-se o rol das características clássicas do imperialismo, com a redução basicamente à exportação de capitais, já então apontada pelos teóricos como a característica e elemento principal do fenômeno do imperialismo enquanto expressão do movimento do capital financeiro (Villa, 1976; Valier, 1977).

### **A globalização**

Estão aí as raízes das características apontadas por Milton Santos como as características constitutivas essenciais da globalização. Resumamos suas idéias.

O dinheiro ganha a forma do dinheiro global, e atinge a proeminência que unifica homens, coisas, idéias, comportamentos, relações e lugares. Seu veículo é o império da informação. E o seu suporte é a tecnologia da velocidade.

A tecnologia da velocidade é resultado da generalização do emprego do computador. No período do imperialismo a técnica formava ainda famílias técnicas regionais. Pela primeira vez na história, uma forma de técnica interioriza-se pela regionalidade das outras com a informática, formando uma tecnologia hegemônica amalgamada a uma multidão de famílias tecnológicas não-hegemônicas próprias do tempo do imperialismo.

Essa amálgama de tecnologia hegemônica e tecnologias não-hegemônicas introduz uma relação também amalgamada de velocidades, criando uma configuração combinada de territórios da velocidade hegemônica e velocidades não-hegemônicas, estas lentas e próprias das tecnologias regionais.

Donas da velocidade hegemônica, as empresas globais são os atores desse mundo tirânico do dinheiro puro. Manipulando a velocidade hegemônica e forçando as tecnologias regionais a acompanharem seu ritmo, as empresas globais criam uma nova regra de seletividade para os espaços, valendo-se dessa prevalência para o domínio do mundo. Criam, dessa forma, a mais-valia universal. E forjam uma nova forma de escassez.

A escassez é o fruto da renovação permanente dos objetos de consumo, estratégia produzida pela produção do consumidor pela produção da necessidade que é própria do mercado global. Vivem-na a classe média e os pobres, e dela escapam os hegemônicos, desigualmente possibilitados em seus meios de acesso.

A globalização é essa hegemonização por cima, combinada às heterogeneidades regionais mantidas por baixo, numa relação de verticalidade-horizontalidade que altera por completo a relação territorial do período do imperialismo e cujo resultado é a acumulação para alguns e o endividamento para todos.

### **A globalização e o imperialismo**

Podemos, então, comparar uma e outra fases da evolução histórica recente do capitalismo.

O imperialismo foi à forma como o capitalismo organizou-se no período entre 1870 e 1970. A globalização é o período subsequente. O imperialismo

prepara a globalização. A globalização ultima e completa o imperialismo. Fases distintas de existência, o imperialismo é o capitalismo de um tempo e a globalização é o capitalismo de outro tempo.

O imperialismo significa uma fase histórica do capitalismo. Fase superior do capitalismo, comparada à fase concorrencial. Nele distinguem-se a fase clássica, moldada pelo esgotamento da primeira revolução tecnológica, e a fase do capitalismo tardio, moldada pela expansão da segunda revolução tecnológica, conforme teorizado por Mandel. A primeira fase tem por características o monopolismo financeiro, a divisão territorial do mundo em impérios das grandes potências, a exportação de capitais. A segunda fase acrescenta a uniformização técnico-produtiva e a conseqüente desorganização sócioambiental dos espaços.

A globalização significa a fase do presente. Tem por características as características apontadas no livro de Milton Santos, tornadas o cotidiano dos lugares, empresas, instituições e pessoas. Sua etapa atual pode não ser ainda a definitiva de novo momento histórico do capitalismo, mas a da sua instituição como modo de produção e de vida por fim triunfante sobre todos os demais modos de produção e de vida historicamente conhecidos, aqui incluindo-se as experiências de sua superação como forma de sociedade na história, que a literatura de propaganda e acadêmica designaram de sociedades socialistas.

O imperialismo define-se como a fase da hegemonia do capital industrial. A globalização como a fase da hegemonia do capital especulativo. Fases ligadas uma com a outra pela presença comum do capital financeiro: jovem e organicamente vinculado à acumulação industrial, na fase do imperialismo, analisado por Hilferding (1982), e maduro e autonomizado na fase da globalização, analisado por Mandel (1982), em sua autonomização, e Chesnais (1996) e Braga (1998), na fase securitizada de hoje. De certa forma Bukharin (1974) e Luxemburgo (1970) pressentiram sua atual natureza e performance.

Um aspecto formal da marcha do capitalismo, a relação recíproca entre as esferas da produção e da circulação,

ilustra o que foi dito (Moreira, 2000).

Na fase do imperialismo, o capital acumula e hegemoniza a sociedade e o mundo, organizando-os através da esfera da produção. Os espaços interligam-se na centralidade fabril, cidade e campo, local e global, lugar e mundo se articulando por esse intermédio. A esfera da produção industrial sobrepõe-se a tudo: a demanda da indústria orienta a partilha do mundo, define a disputa dos mercados, estabelece o rumo da política, determina a direção da produção. O capital financeiro tem sua existência e limites na sua ligação orgânica com este perfil da economia comandado pelo interesse da acumulação. Dá já a rumo dos acontecimentos, mas depende dos movimentos da indústria.

Na fase da globalização o capital acumula e hegemoniza organizando a sociedade e o mundo através da esfera da circulação. A esfera da circulação financeira tudo abrange. Os espaços interligam-se na medida da rede do movimento especulativo da finança. A trama do endividamento é a teia da dependência que tudo interliga e domina. A securitização (Braga, 1998) é o limite. Toda forma de centralidade econômica, e então de geral e permanente, está, assim, extinta.

A globalização é em suma um desdobramento da fase do imperialismo. O imperialismo foi à fase que pavimentou a passagem do capitalismo à escala de um fenômeno geograficamente global na história. Daí a forma perversa, concentradora e excludente como a globalização veio a acontecer. De comum entre ambas fases, a hegemonia financeira. De diferente, a forma do capital e da acumulação financeira. De que decorre toda a realidade de uma grande diferença.

### **A globalização como modo capitalista de vida globalizado**

A globalização é assim a fase histórica em que o modo de vida capitalismo vinga e se difunde como modo de vida de todo o mundo.

Constituído e processado por intermédio do viés econômico do imperialismo, a globalização é o capitalismo afinal e efetivamente consumado como forma de vida social

da humanidade em todo o planeta. E significa a fase superior (e nada final) de nosso tempo, até que venha um próximo.

A clareza da epígrafe, retirada de uma obra de André Granou, proclama seu conteúdo e conceito. Algo já observado por Baudrillard (1972 e 1976), Haug (1997), Debord (1997), Granou (1975) e Santos (1988), entre outros, numa linha de continuidade de Marx.

Em sua crítica do capitalismo, o olhar de Marx o vê antes de mais nada como um mundo generalizado de mercadorias. A globalização é a generalização desse mundo de mercadorias como modo de ser global do mundo. O agir e pensar mercantil e monetário tornado cotidiano de todos os lugares. E que faz da representação (o discurso do mundo como imagem) do cotidiano, o novo caráter da centralidade.

O impasse conceitual, observável numa comparação de Ortiz (1994), Santos (2000) e Ianni (2000), quanto ao sentido econômico ou cultural da globalização, apenas reflete a dificuldade de apreensão de uma fase da história em que o cultural e o econômico, o formal e o real, o local e o global, tornados cotidiano, estruturalmente se fundem e se confundem numa só realidade. Motivo de sua reação vir de outras fontes que não da economia, mas daquelas validadas pela subjetividade.

A dominação imperial pela via da cultura é decorrência de o modo de produção e de vida capitalista encontrar-se planetariamente consolidado por todos os cantos do mundo. A financeirização desde aí possibilitada tornou desnecessárias as formas clássicas do imperialismo, tais como a partilha territorial e a exportação do capital, de vez que o capital está em todas as partes. Mesmo a ação militar clássica cedeu lugar à forma da ação direta das grandes potências contra os povos dominados, surgida em substituição ao confronto entre as potências que arrastou todos os países em duas guerras mundiais. A guerra do golfo, reunindo todas as potências de um só lado contra os povos árabes do outro lado, num confronto na aparência entre o militarismo americano e o governo do Iraque, diz bem da nova forma do militarismo. Restou a

ideologização, na forma da fabulação denunciada por Milton Santos.

Introduzindo o que a imprensa e a literatura vêm denominando conflito norte-sul, um confronto entre ricos excludentes e pobres excluídos que substitui o confronto leste-oeste, aparentemente mais classista, da fase do imperialismo clássico, a globalização capitalista traz à forma de conflito na qual toda afirmação de vida é um questionamento ao modo de vida do capitalismo.

Daí Seattle, Gênova, ...

## Notas

\*Professor Doutor do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF)

## Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. (1972). Para uma Crítica da Economia Política do Signo. Lisboa. Edições 70.
- \_\_\_\_\_. (1976). A Sociedade de Consumo. Lisboa. Edições 70.
- BRAGA, José Carlos de Souza. (1998). Financeirização global – o padrão sistêmico de riqueza do capitalismo contemporâneo, in *Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização*. TAVARES, Maria da Conceição e FIORI, José Luis, (org.). Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- BUJARIN, Nicolai. (1974 [1914]). *La Economía Política del Rentista. Crítica de la Economía Marginalista*. Cuadernos de Pasado y Presente n. 57. Córdoba. Ediciones Pasado y Presente.
- CHESNAIS, François. (1996). *A Mundialização do Capital*. São Paulo. Xamã Editora.
- DEBORD, Guy. (1997). A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro. Contraponto.
- HILFERDING, Rudolf. (1982 [1910]). *O Capital Financeiro*. São Paulo. Abril Cultural
- GRANOU, André. (1975). *Capitalismo e Modo de Vida*. Porto. Edições Afrontamento.
- HAUG, Wolfgang Fritz. (1997). *Crítica da Estética da Mercadoria*. São Paulo. Editora UNESP.
- IANNI, Octávio. (2001). *Os Enigmas da Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira.
- LÊNIN, Vladimir. (1979 [1916]). *O Imperialismo: fase superior do capitalismo*. São Paulo. Global Editora.
- LUXEMBURG, Rosa. (1970 [1912]). *A Acumulação do Capital. Estudo sobre a interpretação econômica do imperialismo*. Rio de Janeiro. Zahar Editores.
- MANDEL, Ernest. (1982 [1972]). *O Capitalismo Tardio*. São Paulo. Abril Cultural.
- MOREIRA, Ruy. (2000). Os Períodos Técnicos e os Paradigmas do Espaço do Trabalho. In *Revista Ciência Geográfica*, ano VI, volume II, número 16. Bauru. AGB/Bauru.
- \_\_\_\_\_. (1998). A Globalização e o Neoliberalismo. In *Cadernos de Geografia*, volume 8, número 10. Belo Horizonte. PUC-BH
- SANTOS, Milton. (1988). *O Espaço do Cidadão*. São Paulo. Editora Hucitec.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Por Uma Nova Globalização. Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro. Editora Record.
- ORTIZ, Renato. (1994). *Mundialização e Cultura*. São Paulo. Editora Brasiliense.
- VALIER, Jacques. (1977). *Sobre o Imperialismo*. Lisboa. Edições Antídoto.
- VILLA, J. M. Vidal. (1976). *Teorias del Imperialismo*. Barcelona. Editorial Anagrama.